# COMBINADOS ENTRE OS SEM JEITO: SOBRE SORRISOS AMARELOS E INCÔMODOS MÚTUOS EM PESQUISAS NO ESPAÇO ESCOLAR[1].

Agreements among the socially challenged: awkward smiles and mutual discomfort during research activity in the school enviroment.

**ALBUQUERQUE, Regina Lucia Fernandes**
(Universidade Federal de Minas Gerais- UFMG)

**Resumo:** Dentre as pesquisas no campo da Etnografia em Educação que utilizam como ferramenta para coleta de dados a observação do fenômeno em sala de aula, é possível identificar duas grandes tendências metodológicas: 1) aquela que reivindica a metodologia de tipo etnográfico (ANDRÉ, 1995); 2) aquela com abordagem metodológica da etnografia na educação (DAUSTER, 1997; ROSISTOLATO, 2013; 2018). Em ambas as vertentes, estudos descrevem as ambivalências que cercam as pesquisas no espaço escolar que realizam observação de aulas. O texto debate alguns desses limites através de pesquisa em duas escolas da Rede Municipal de Educação de Belo Horizonte, localizadas na Regional Norte desse município, em duas classes de Educação Infantil, com crianças na faixa etária de 5 anos, caracterizando-se como pesquisa qualitativa com realização de observação de aulas e entrevistas com docentes e coordenadores. Os resultados apontam para alteridade em relação a função do pesquisador no espaço escolar, ora interpretado como estagiário, ora como pesquisador, ora representando ameaça. Contudo, o campo parece indicar que instituições que previamente obtiveram contato com essa modalidade de pesquisa apresentam menor resistência quanto à presença do pesquisador no espaço escolar.

Palavras chave: Etnografia em espaço escolar; Etnografia na Educação; Observação de aulas.

**Abstract**: Among the researches in the Ethnography of Education that use classroom observation as a tool for data collection, it is possible to identify two major methodological trends: 1) a first one which claims the methodology of an ethnographic type (ANDRÉ, 1995); 2) a second with a methodological approach to ethnography in education (DAUSTER, 1997; ROSISTOLATO, 2013; 2018). On both sides, studies describe the ambivalences surrounding research in the school environment that carry out classroom observation. The text discusses some of these limits through research in two Brazilians Municipal schools of Belo Horizonte. The qualitative research included classroom observation and interviews with teachers and coordinators in two classes of Early Childhood Education, with children aged 5 years. The results point to alterity concerning the researcher's role in the school space, sometimes interpreted as an intern,

[1] Texto refere-se a versão estendida de trabalho aprovado para 40º Reunião Nacional da Associação Nacional de Pós graduação em Educação (ANPED), a ser realizada em outubro de 2021.

sometimes as a researcher, sometimes representing a threat. However, the field seems to indicate that institutions that previously had contact with this type of research are less resistant to the presence of the researcher in the school environment.

Keywords: Ethnography in a school environment; Ethnography in Education; Classroom Observation.

## INTRODUÇÃO

Dentre as pesquisas com metodologia qualitativa, que se situam no espaço escolar, e adotam como ferramenta de análise a observação dos fenômenos em sala de aula, é possível identificar duas grandes linhas de abordagens: 1) a linha que reivindica realizar pesquisa do tipo etnográfico (ANDRÉ, 1995); 2) a que reivindica elementos do método etnográfico aplicados na educação (DAUSTER, 1997; 2004; ROSISTOLATO, 2018). Rosistolato (2018), ainda aponta que mesmo dentre os autores que reivindicam o campo da etnografia da educação, algumas produções não assumem, em *stricto sensu,* terem realizado etnografias, embora seus estudos assim possam ser caracterizados (ROSISTOLATO, 2018, p 2).

As alterações no campo da antropologia desde os estudos clássicos etnográficos (MALINOWSKI, 1980; GEERTZ, 2002) deixam para trás a associação entre antropologia e exótico, e passam a considerar estudos em contextos de convívio do pesquisador, como aqueles realizados no campo da antropologia urbana (VELHO, 1978; VELHO e KUSCHNIR, 2003). Pensando nas etnografias em espaço escolar e pesquisas no campo da educação que se utilizam de ferramentas comuns à etnografia, uma linha teórica entende a escola como um espaço privilegiado para realização de pesquisas com essa abordagem (GALENO, 2011; ROSISTOLATO, 2013). Contudo, não se ignora que a incorporação da etnografia em pesquisas não antropológicas apresenta consequências epistemológicas. Como ressaltam Oliveira, Boin e Búrigo (2018), a etnografia não se reduz apenas a um método, estando imbricada com o escopo teórico da antropologia. Nesse sentido, as produções que reivindicam o termo “pesquisa do tipo etnográfico” (ANDRÉ, 1995) apontariam muito mais

para uma inspiração em estudos da etnografia do que a adoção de procedimentos comuns ao fazer etnográfico.

Embora nessa pesquisa[2] o espaço escolar também seja considerado como lugar privilegiado para estudos em etnografia da educação, faz-se necessário apontar para elementos comuns a esse tipo de pesquisa, por exemplo, a resistência por parte dos agentes escolares na realização de pesquisas que se utilizem da etnografia em espaço escolar. Oliveira, Boin e Búrigo (2018), em pesquisa com professores de Sociologia em Florianópolis, experienciaram uma receptividade maior de professores para cessão de entrevistas do que para observação de suas aulas. Como hipóteses explicativas para esse fenômeno, os autores apontam para:1) o baixo contato de instituições escolares com pesquisas etnográficas, havendo menor resistência em escolas que já participam ou tenham participado de pesquisas universitárias; 2) frente a presença de políticas de avaliação nas redes, o trabalho do pesquisador que realiza etnografia pode ser confundido com o de avaliador externo, ainda que sejam explícitos os objetivos de pesquisa apresentados (OLIVEIRA, BOIN e BÚRIGO, 2018, p 23).

O texto debate essas duas hipóteses através de realização de pesquisa com observação de aulas em duas escolas da Rede Municipal de Belo Horizonte. O objetivo, aqui, é analisar a função atribuída pelos agentes escolares ao pesquisador, além de debater sua posição de alteridade e os incômodos mútuos suscitados pela pesquisa. Dessa maneira, o texto divide-se em duas sessões: 1) metodologia de coleta e análise de dados de campo; 2) resultados e discussão da pesquisa. O texto encerra-se com as considerações finais.

## **METODOLOGIA**.

A pesquisa ocorreu no ano letivo de 2019, em duas escolas da Rede Municipal de Educação de Belo Horizonte, localizadas na Regional Norte desse

[2] Pesquisa de doutorado financiada pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), apreciada e aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Universidade Federal de minas Gerais (UFMG), sob o parecer 4.068.462.

município, em duas classes de Educação Infantil, com crianças na faixa etária de 5 anos, caracterizando-se como pesquisa qualitativa com realização de observação de aulas e entrevistas com professores e coordenadores. Foram realizadas 272 horas de observação na Escola Municipal Maria Montessori e 256 horas na Escola Municipal Henri Wallon[3], além de entrevistas semiestruturadas com as coordenadoras da Educação Infantil e as professoras referência e professoras de apoio[4] das turmas acompanhadas.

O critério de seleção das escolas compreendeu: 1) as escolas selecionadas deveriam pertencer à mesma rede de ensino; 2) as escolas deveriam estar localizadas dentro de uma mesma coordenadoria administrativa regional; 3) as escolas deveriam diferenciar-se pela média de nível socioeconômico (NSE) do público atendido. A característica de distinção de NSE da região censitária em que a escola se localiza é importante para estabelecer comparações entre as instituições. Aqui, renda *per capita* da região censitária da escola foi tomada como indicador de NSE para a escola (CENSO, 2010).

A partir dos critérios elencados para a seleção das escolas, foi estabelecido processo de contato com a Secretaria Municipal de Educação de Belo Horizonte (SMED), iniciado no ano de 2018, para escolha das instituições de Educação Infantil a serem pesquisadas. Os critérios estabelecidos foram apresentados à equipe da SMED, que depois de algum tempo e de certos trâmites administrativos, indicou as Escolas Municipais Maria Montessori e Henri Wallon para realização da investigação. Cabe ressaltar que, ambas as escolas selecionadas fazem parte do Programa Avançado em Implementação de Políticas Públicas (APPIA), implementado pela SMED com vistas ao incentivo à alfabetização e numeramento de crianças na transição da Educação Infantil para o Ensino Fundamental. Esse pode se configurar como

[3] Para atender critérios de ética em pesquisa os nomes atribuídos às escolas são fictícios.
[4] Constam no quadro da Rede Municipal de Educação de Belo Horizonte tanto o cargo de professor referência quanto o de professor de apoio. O professor referência cumpre a função de professor generalista na classe em que foi alocado. Já o professor de apoio cumpre sua carga horária em mais de uma turma, substituindo os professores referência durante os horários reservados para o planejamento de atividades.

um viés de seleção da SMED das instituições nas quais a pesquisa se desenvolveu.

Em relação aos critérios para seleção das turmas, a Escola Municipal Maria Montessori, no ano letivo de 2019, contava apenas com uma turma de Educação Infantil de 5 anos, sendo seu atendimento realizado no período da tarde. Já a Escola Municipal Henri Wallon contou com atendimento à Educação Infantil em duas turmas no período vespertino e uma no matutino. A direção escolar decidiu pela alocação da pesquisa na turma matutina. Ainda que houvesse alguma insistência na solicitação de revezamento na observação entre as turmas dos distintos turnos, a coordenadora da Educação Infantil defendeu a permanência da pesquisa no período matutino sob justificativa de ser “menos tumultuado”.

Dessa maneira, a triangulação de dados adotada na pesquisa contou com: realização de observações de aulas nas duas turmas da Educação Infantil, com crianças na faixa etária de 5 anos, em cada uma das escolas; entrevistas semiestruturadas com coordenação pedagógica e professoras de apoio e referência atuantes no ano letivo de 2019, nas turmas acompanhadas; caracterização das instituições a partir de informações do banco de dados do Censo Escolar e do Censo 2010.

O procedimento prioritário da pesquisa de campo foi a realização de observações em sala de aula, nas turmas de Educação Infantil acompanhadas. A opção de coleta de dados utilizando a ferramenta de observação do evento em sala de aula se justifica pela compreensão de que no interior da sala de aula é que se revelam práticas muitas vezes não declaradas e até mesmo inconscientes, por parte das professoras, em relação aos alunos. Somente mediante observação sistemática, prolongada e criteriosa essas práticas revelam-se. Dessa maneira, a observação das interações entre os agentes no campo permitiria a compreensão dos sentidos produzidos no interior da cultura escolar. Evidenciando aspectos que poderiam não ter destaque, ou não serem percebidos, em outros tipos de abordagens (OLIVEIRA, BOIN e BÚRIGO, 2018). As observações de sala de aula foram iniciadas na Escola Municipal Maria Montessori no final do mês de fevereiro de 2019. O início do campo na

Escola Municipal Henri Wallon ocorreu apenas a partir de abril de 2019. Isso deveu-se ao fato da SMED ter designado as escolas para pesquisa em separado. Em cada uma das escolas foram realizados, em média, dois dias semanais de observações, em dias alternados, previamente combinados com a docente referência das respectivas turmas.

A partir das observações de aulas foram mapeadas frequências de acontecimentos interessantes para investigação mais aprofundada. Esse mapeamento auxiliou na construção do roteiro das entrevistas semiestruturadas com professores e coordenação pedagógica. A opção de coleta de dados com entrevista semiestruturada se justifica considerando os apontamentos de Amado e Ferreira (2017) que afirmam esta ser uma técnica adequada para analisar os sentidos que os atores aferem a práticas, acontecimentos e às suas próprias experiências. As entrevistas semiestruturadas foram realizadas na própria unidade escolar, considerando tempo disponível das docentes e das coordenadoras pedagógicas, uma vez que não seria possível para as entrevistadas ceder as entrevistas em outro local/horário que não fosse o de trabalho na unidade. As entrevistas com as docentes foram realizadas no tempo de planejamento destas. Já as entrevistas com as coordenadoras foram previamente agendadas em espaços de horários disponíveis das profissionais.

A utilização de ferramentas de coleta de dados, comumente empregadas em pesquisas quantitativas, foram empregadas no sentido de auxiliar na caracterização das instituições escolares, assim como de seu público atendido. Dessa maneira, foram utilizados os dados secundários do banco do Censo 2010, em específico, os dados referentes à renda *per capita* familiar por setor censitário, agregados à localização geográfica das escolas acompanhadas. Essa medida foi adotada como um indicador de nível socioeconômico (NSE) do público atendido pelas escolas. É preciso delimitar que o NSE[5], aqui, é tomado como constructo teórico para estratificação de grupos de alunos por uma medida de posição social. Ou seja, o NSE é tomado como uma variável latente

[5] Alves e Soares (2009) apontam que, ainda que o NSE seja utilizado amplamente como variável explicativa ou de controle em diversas pesquisas sociológicas, não há consenso no campo sobre sua mensuração em pesquisas empíricas (ALVES E SOARES, 2009, p 2).

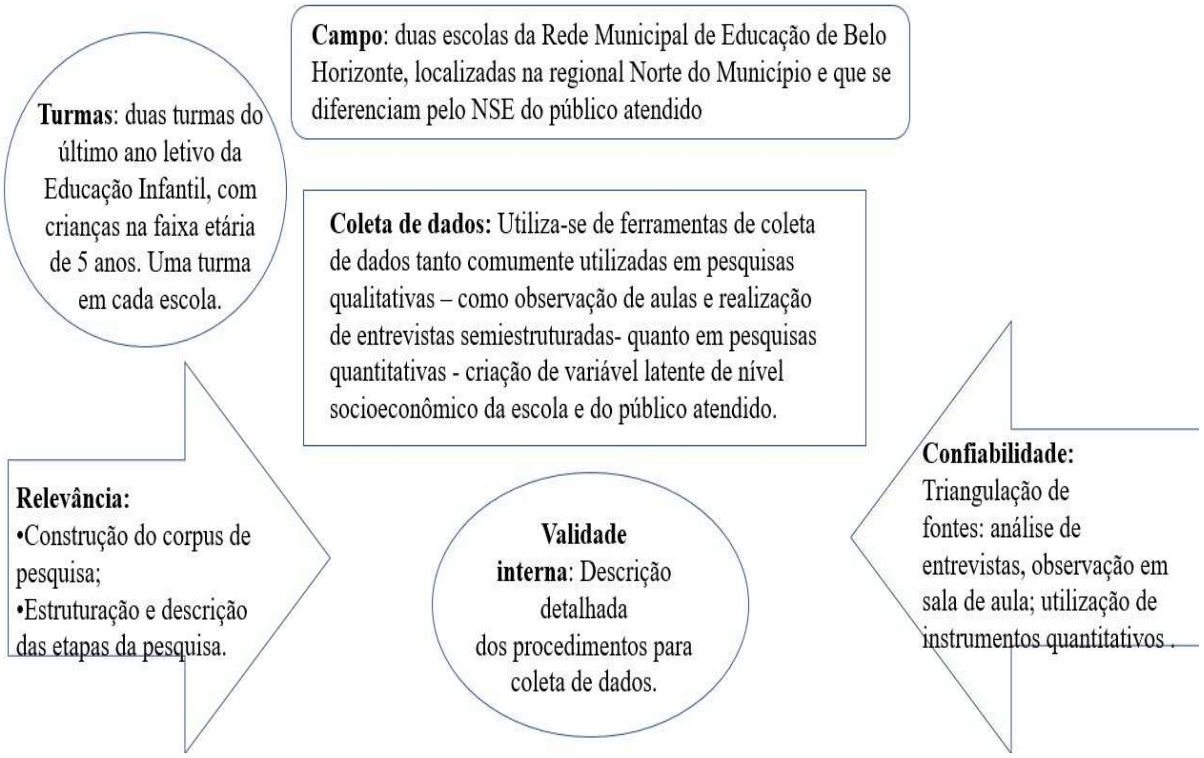
(não diretamente observada) cuja medida é feita pela agregação de informações como dados de renda, escolaridade e ocupação (ALVES e SOARES, 2009). Contudo, é preciso reconhecer que esse instrumento de coleta de dados apresenta limitações. Uma delas é o grau de imprecisão nas respostas dos questionários em larga escala já identificado por outros estudos (SOARES e ANDRADE, 2006).

Ainda sobre o desenho da pesquisa, Gaskell e Bauer (2008) resgatam os indicadores comumente utilizados em pesquisas quantitativas, como fidegnidade e validade adaptando sua aplicação para pesquisas qualitativas no que concerne a critérios de relevância e de confiabilidade. Os autores, então, buscam critérios alternativos que afiram confiabilidade e relevância em estudos qualitativos, elencando os critérios de: triangulação e reflexividade de perspectiva, a documentação transparente de procedimentos, a descrição detalhada da construção do corpus e dos resultados, a evidência da surpresa pessoal e, para alguns casos, a validação comunicativa (GASKELL e BAUER, 2008, p 482). Esses critérios nortearam a realização da pesquisa e a escrita deste texto; de modo especial, a descrição detalhada dos procedimentos, critérios e da construção dos resultados, bem como a triangulação de fontes (entrevistas, observações, instrumentos quantitativos).

Dessa maneira, segue-se o esquema gráfico proposto para metodologia da pesquisa:

Figura1: Esquema gráfico de metodologia da pesquisa.

# METODOLOGIA




Fonte: A autora (2021).

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**.

Alguns estudos no campo da etnografia em educação relatam incômodos ocorridos durante pesquisas em espaço escolar (VIEIRA e VIEIRA, 2018; OLIVEIRA, BOIN e BÚRIGO, 2018; CIPINIUK, 2014): desde resistências na autorização para observação de eventos em sala de aula, até, em casos mais extremos, a proibição da pesquisa de campo na escola (CIPINIUK, 2014). Ao fim e ao cabo, se faz necessário considerar que a própria presença do pesquisador nas instituições escolares altera tanto a paisagem local, quanto o possível percurso de dado fenômeno. A seguir, apresentam-se alguns aspectos relacionados à presença do pesquisador na sala de aula mapeados a partir das observações realizadas.

| | | |
|---|---|---|

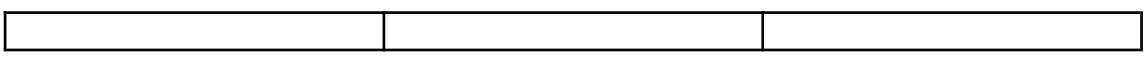
### 3.1- Intervenções e expectativas em relação a conduta da pesquisadora.

A receptividade à pesquisa configurou-se de maneira distinta nas duas escolas. Na Escola Municipal Maria Montessori houveram abordagens da professora referência com intuito de reprimir ou conduzir a conduta da pesquisadora. Já na Escola Municipal Henri Wallon essa relação foi menos tensa e houve, gradativamente, maior abertura ao longo do ano letivo. Contudo, essa escola já havia recebido iniciativas de projetos da Universidade Federal de Minas Gerais, ao passo que a Escola Municipal Maria Montessori não relatou tal contato, ainda que a professora referência da turma tenha declarado já ter recebido estagiários de uma instituição universitária particular, quando atuava em outra escola. Esse cenário parece confirmar os apontamentos de Oliveira, Boin e Búrigo (2018) de que escolas que já tiveram contato com pesquisas universitárias apresentariam menor resistência às pesquisas com observação de aulas.

> “As crianças são chamadas para fazer fila e ir para sala. J. H. fica no refeitório. Vou caminhando e chamo-o para formar. Na fila ele diz que quer ir ao meu lado. A professora referência me chama e diz “Aqui, ele gosta de achar que domina a gente.” (Entendo como uma objeção. A professora já havia dito em dia anterior que “As meninas do refeitório fazem a vontade dele”. E acredito que possa ter a mesma leitura sobre minha interação com J.H. Procuro estar próxima a outras crianças. Contudo, essa relação é usada pela acompanhante do aluno especial (a saber, L.), horas mais tarde, para que J. H. ficasse quieto: “Vai lá e dá a mão pra Regina, vai João.”)” (Trecho de caderno de campo, Escola Municipal Maria Montessori, março, 2019).
>
> “Uma aluna chora na fila para o refeitório. Aproximo-me, vindo pela sua lateral e pergunto o que houve. K. diz que não trouxe brinquedo porque a avó dela saiu para almoçar (junto à aluna) e esqueceu o brinquedo em casa. Digo à K. que não tem problema. Que na próxima sexta ela pode trazer o brinquedo se ela quiser e que hoje ela pode brincar com as colegas. Que às vezes a gente esquece coisas, mas que está tudo bem. Ela me dá a mão e caminho ao seu lado na fila. A professora

> referência aproxima-se e diz à K. que ela tem que fazer fila, colocar as mãos para trás. “Nada de dar a mão, (nome da aluna)!” A aluna solta minha mão, posiciona suas duas mãos para trás e abaixa a cabeça. (Trecho de caderno de campo, Escola Municipal Maria Montessori, abril, 2019).
>
> Algumas crianças se levantam para contar os números no mural. F. me pede para amarrar seu tênis. A professora referência intervém enquanto estou amarrando “(nome da aluna), o que você está caçando amarrar sapato agora. A gente não vai levantar”. (F. levantou em todos os números cantados para verificar sua escrita no mural). (Trecho de caderno de campo, Escola Municipal Maria Montessori, março, 2019).
>
> A professora referência distribui entre as mesas dos alunos um jogo pedagógico composto por placas de madeira com figuras e divisões para que sejam encaixadas as letras correspondentes ao nome de cada figura. Lu e B. F., que sentam juntos, levantam hipóteses sobre a escrita. “É VACA. VAACA.”, diz Lu.. Lu. levanta-se e procura no alfabeto a letra inicial de VACA. A. B. vai até onde estou sentada e pede ajuda. A professora a repreende. La. faz o mesmo e também é repreendida. Quando F. me pede auxílio o faz falando em meu ouvido e cobrindo sua boca com a mão. Digo que não posso ajudar. A professora referência demonstra grande irritação ao ver as crianças me pedindo ajuda. Sinto-me desconfortável, nesse momento, e me mantenho sentada no fundo da sala. Mexo em minha agenda no intuito de simular estar fazendo outra coisa (temo que se fizer alguma anotação, nesse momento, aumente a tensão). As crianças continuam a me solicitar auxílio. La. chega a puxar meu braço para me chamar atenção e ir auxiliá-la. Nego o pedido. A professora referência grita: “Regina não vai ajudar ninguém hoje.” (Trecho de caderno de campo, Escola Municipal Maria Montessori, abril, 2019).

Peirano (1994), aponta para uma alteridade mínima nas etnografias realizadas em espaços aos quais o antropólogo estaria familiarizado. Contudo,



na relação eu/outro estabelecida pelos agentes escolares em relação à pesquisa e do pesquisador em relação ao campo suscita impactos tanto no evento observado, quanto nos pesquisadores. A autora aponta para frequentes desistências da pesquisa de campo associadas à “desconfortos insuportáveis” (PEIRANO, 1994, p 217). Ainda que a etnografia em espaços escolares não se assemelhe a sensível distinção cultural no binômio pesquisador/povo observado presente nos estudos clássicos etnográficos, a etnografia em espaço escolar, caracterizada pela partilha cultural entre pesquisador e pesquisados, reconfigura os sentidos desse binômio eu/outro, produzindo tensões de outra ordem.

### 3.2- Desconfiança e incômodo frente à presença da pesquisadora.

Uma possibilidade de explicação para as manifestações de desconfiança frente à pesquisa, ainda que em distintos graus entre as escolas, pode se relacionar com ambas as unidades fazerem parte do Projeto APPIA, da SMED. A participação em uma política pública experimental na rede (2019 foi o primeiro ano de aplicação do Projeto APPIA na SMED) pode relacionar-se com um clima escolar em que as escolas se sintam, de alguma forma, vigiadas, ainda que tenham sido explícitos os objetivos da pesquisa proposta e sua ausência de relação com o Projeto APPIA. Oliveira, Boin e Búrigo (2018), apontam que essa desconfiança em relação à presença do pesquisador na unidade escolar, em alguma medida, pode estar relacionada com a crescente cultura de avaliação escolar (OLIVEIRA, BOIN e BÚRIGO, 2018, p 23). Em alguns casos, as políticas de responsabilização nas redes podem gerar como efeito ações de auto proteção nas instituições. Nesse sentido, talvez ainda estejamos bem distantes da abertura da “caixa preta” da escola, tão proclamada no campo da Sociologia da Educação desde a década de 1960.

> Chego na escola às 12h50. Aguardo em frente a porta da sala da turma da EI, 5 anos. A professora referência chega na sala e, logo depois, a coordenadora da Educação Infantil entra no espaço da EI. A coordenadora cumprimenta-me e cumprimenta a professora referência. As duas conversam. A professora pergunta se a mãe da

coordenadora melhorou e ela diz que sim. A coordenadora continua a conversa e pergunta se ela sabe da greve puxada para o dia seguinte. Após falar, a coordenadora olha para mim (parece ter esquecido que eu estava na sala) e diz: “Depois conversa” (há um claro incômodo com minha presença). Depois de dizer para conversarem depois, a coordenadora se afasta da porta da sala, ao passo que a professora referência vai até a porta, fica de costas para a sala, com a mão no portal e conversa com a coordenadora. Falam baixo ao ponto de sussurrar. (Trecho de caderno de campo, Escola Municipal Maria Montessori, maio, 2019).

Durante o recreio da Educação Infantil, a coordenação havia organizado um lanche coletivo entre as professoras. Sou convidada pela coordenadora da Educação Infantil a ficar no espaço, entro na sala. O lanche é em homenagem aos aniversariantes daquele mês. Sinto um desconforto enorme por minha presença no espaço. Cantamos parabéns. Circulo pelo espaço, vendo os brinquedos e a decoração como uma forma de tentar fazer com que as professoras se sintam menos desconfortáveis no ambiente. Elas comem em silêncio, sinto que se eu não estivesse no espaço haveriam conversas. A coordenadora está no centro do espaço da Educação Infantil, vendo as crianças brincarem. Continuo circulando e batendo fotos de alguns enfeites (torço para que o tempo passe rápido). As professoras conversam sobre a alergia alimentar de uma delas e me oferecem lanche. Agradeço e digo que comi em sala. Lentamente algumas professoras começam a deixar o espaço. Quando a coordenadora retorna ao mesmo, peço licença para sair, pois a turma retornaria para sala de aula com a professora de apoio. A coordenadora e a professora referência da turma de 5 anos ficam sozinhas no espaço. (Trecho de caderno de campo, Escola Municipal Maria Montessori, março, 2019).

Ao final do dia pergunto à professora referência qual data da semana que vem posso retornar. Responde: “O dia que você quiser. Não precisa nem avisar. Você tá vendo que eu não faço nada fora”. Ri contemplativamente e gesticula com os dois braços, abrindo-os em direções opostas, com as palmas das mãos viradas para baixo, os dedos relaxados,

> sacudindo-se para frente. O gesto denota algum nervosismo. (Trecho Caderno de Campo, Escola Municipal Henri Wallon, abril, 2019).

Ainda que essas tensões tenham se manifestado na relação com trabalhadores da escola, esse quadro não se configurou na relação com os alunos.

### 3.3- Múltiplas funções atribuídas à figura do pesquisador no campo: estagiária, amiga, professora.

Oliveira, Boin e Búrigo (2018) apontam para eventos em que os alunos identificam os pesquisadores como professores ou quando os próprios trabalhadores da escola identificam os pesquisadores como estagiários. Durante a pesquisa esse quadro também se configurou, parecendo não ser claro para os alunos a função a ser desempenhada pela pesquisadora na sala de aula, havendo pedidos de auxílio ou intervenção em situações de confllito por parte dos alunos que se utilizaram de termos como “amiga”, “tia” e “professora” para se referir à pesquisadora.

> A. B. me chama: “**Amiga**, qual a letra do bolo?” La. também me pede ajuda “Qual a letra?” A professora referência, vendo F. falando comigo, grita com a aluna e diz que ela tem que fazer sozinha. Reafirma: “Cada um faz o seu”. F. volta ao seu lugar, contudo, La., logo em seguida também vem até onde estou sentada me pedir ajuda. A professora também a repreende. F., (que está sentada junto a La. e A. B.) diz: “Eu não sei a letra que é.” (Trecho de caderno de campo, Escola Municipal Maria Montessori, abril, 2019).
>
> Y. sai do montante de brinquedos em que está e vem até mim “**Tia**, a gente tem pouco.” Pega peças de outro montante e monta um carro. (Trecho de caderno de campo, Escola Municipal Maria Montessori, abril, 2019).
>
> Crianças brincam com brinquedos de montar. P. olha para mim e aponta para L. “Ela tá com muito”. Peço a L. que divida com o colega e esta não se nega a fazê-lo (são comuns momentos que os

> alunos peçam que eu interfira em situações de conflitos entre pares). (Trecho caderno de Campo, Escola Municipal Henri Wallon, abril, 2019).

A mesma ambiguidade no reconhecimento da função da pesquisadora foi apresentada por funcionários da escola, sendo comum a interpretação da pesquisa como a realização de um “estágio”.

> O porteiro da escola passa, me cumprimenta. Pergunta se eu faço estágio pra ser professora. Explico que já sou professora e que estou fazendo uma pós. (Trecho de caderno de campo, Escola Municipal Maria Montessori, março, 2019).

> A coordenadora da Educação Infantil apresenta-me para professora que passará a atuar na escola, nas demais turmas de Educação Infantil, como professora de apoio: “Essa é a Regina, nossa estagiária de doutorado”. Olha para mim e pergunta: “É doutorado, né Regina?” Sorrio e confirmo. A coordenadora continua: “De doutorado, chiquérrima”. (Trecho de caderno de campo, Escola Municipal Maria Montessori, junho, 2019).

> A professora de apoio pergunta se estudo na UFMG. Digo que sim. Diz que na sua escola tem uma moça que faz pesquisa com a turma, mas que ela é aluna do doutorado (faz expressão de desprezo, revira os olhos, afina a voz e gesticula com as duas mãos, abrindo-as em direções opostas). Entendo que a professora de apoio infere que sou aluna de graduação. Ela continua dizendo: “Ela fica lá, escrevendo”. Digo que acho que conheço (repito o nome da pessoa). O assunto se encerra nesse momento. (Trecho de Caderno de Campo, Escola Municipal Henri Wallon, abril, 2019).

Nesse sentido, vale ressaltar que ao passo que o pesquisador observa o fenômeno, cria classificações e categorias de análise, sua presença no campo também desperta sua observação pelos agentes escolares. Ou seja, os sujeitos do campo não são passivos e, em dada medida, podem alterar a direção do próprio fenômeno.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**.

| | | |
|---|---|---|

O texto posiciona-se dentro da linha de produções que reconhece o espaço escolar como lócus privilegiado para pesquisas que se utilizam de algumas ferramentas comuns ao campo da etnografia. A experiência no campo apontou para dificuldades comumente enfrentadas por pesquisadores que utilizam como ferramenta de coleta de dados a observação do evento em sala de aula. Dentre essas dificuldades elencam-se: 1) Desconfiança ou incômodo dos trabalhadores da escola mediante à presença do pesquisador; 2) Expectativas por parte dos agentes escolares quanto a conduta do pesquisador; 3) Distintas funções atribuídas à presença do pesquisador no espaço escolar: estagiária, amiga, professora.

Outro elemento apontado pelo campo que se relacionou com os resultados da pesquisa foi a hipótese de que escolas que já teriam contato prévio com pesquisas da universidade teriam menor resistência a pesquisas com observação de aulas.

## AGRADECIMENTOS

Agradecimentos à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pelo financiamento à pesquisa; à Secretaria Municipal de Educação de Belo Horizonte (SMED) pela atenção e atendimento às solicitações oriundas da pesquisa; às escolas partícipes do estudo pela disponibilidade de colaboração; aos docentes e alunos das turmas nas quais foram realizadas as observações em sala de aula.

## REFERÊNCIAS

ALVES, M. T. G e SOARES, J. F. Medidas de nível socioeconômico em pesquisas sociais: uma aplicação aos dados de uma pesquisa educacional. **Opinião Pública**, vol. 15, n. 1, jun, 2009. P1-30.

AMADO, João; FERREIRA, Sônia. A entrevista na investigação em educação. In: **Manual de investigação qualitativa em educação**. 3° Ed. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2017. P 209- 227.

| | | |
|---|---|---|

ANDRÉ, M. E. D. A. **Etnografia da prática escolar**. Campinas, SP: Papirus, 1995.

CIPINIUK, T. A. C. Etnografia em escola pública e seus desafios: um olhar sobre métodos aplicados no trabalho de campo. Educere et Educare: **Revista de educação**, v. 9, n. 17, p. 83-91, jan./jun. 2014. Disponível em: http://e-revista.unioeste.br/index.php/educereeteducare/article/view/10309. Acesso em: 28/07/2021.

DAUSTER, T. Um outro olhar: entre a antropologia e a educação. **Caderno CEDES**, vol 18, N 43, Campinas, dez, 1997. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-32621997000200004. Acesso em: 28/07/2021.

_____. Entre a Antropologia e a Educação- a produção de um diálogo imprescindível e um diálogo híbrido. **Revista do Museu Nacional**, Universidade Federal do Rio de Janeiro, setembro, 2004. Disponível em: https://www.redalyc.org/pdf/1935/193538270004.pdf. Acesso em: 28/07/2021.

GALENO, S. **Uma escola de luta**: análise dos significados da educação em um estudo de drama social. Rio de janeiro, RJ: 7Letras, 2011.

GASKELL, George e BAUER, Martin W. Para uma prestação de contas pública: além da amostra, da fidegnidade e da validade. In: GASKELL, G e BAUER, M. W. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**. Um manual prático. 7 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008. p 470 – 490.

GEERTZ, C. **Obras e vidas**: o antropólogo como autor. Rio de Janeiro, RJ: Editora UFRJ, 2002.

MALINOWSKI, B. Objeto, método e alcance desta pesquisa. In: GUIMARÃES, A. Z. (Org.). **Desvendando máscaras sociais**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1980. p. 39-61.

MALINOWSKI, B. **Os argonautas do Pacífico Ocidental**. São Paulo: Abril Cultural, 1976 [1922].

OLIVEIRA, Amurabi; BOIN, Felipe; BÚRIGO, Beatriz Demboski. Quem tem medo de etnografia? **Revista Contemporânea de Educação**, Rio de Janeiro,

v. 13, n. 26, p. 10-30, 2018. Disponível em: https://revistas.ufrj.br/index.php/rce/article/view/12243. Acesso em: 28/07/2021.

ROSISTOLATO,R. “Você sabe como é, eles não estão acostumados com antropólogos!”: uma análise etnográfica da formação de professores. **Pró-Posições**, v. 24, n. 2, p. 41-54, 2013. https://doi.org/10.1590/S0103-73072013000200004

_____. A liberdade dos etnógrafos em educação e seu mosaico interpretativo. **Revista Contemporânea de Educaçã**o, Rio de Janeiro, v. 13, n. 26, p. 1-9, 2018. Disponível em: https://revistas.ufrj.br/index.php/rce/issue/view/969/showToc. Acesso em: 28/07/2021.

VELHO, Gilberto. Observando o familiar. In: **Individualismo e cultura**: notas para uma antropologia da sociedade contemporânea. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1978.

_____. O desafio da proximidade. In: VELHO, Gilberto & KUSCHNIR, Karina. **Pesquisas Urbanas**: Desafios do trabalho antropológico. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed., 2003. P 11-19.

VELHO, Gilberto & KUSCHNIR, Karina. **Pesquisas Urbanas**: Desafios do trabalho antropológico. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed., 2003.

VIEIRA, Ricardo e VIEIRA, Ana. Entrando no interior da escola: etnografia e entrevistas etnográficas. **Revista Contemporânea de Educação**, Rio de Janeiro, v 13, n 26, pp.1-18, 2018. Disponível em: https://revistas.ufrj.br/index.php/rce/article/view/14641. Acesso em: 28/07/2021.

**Sobre a autora:**

Nome completo: Regina Lucia Fernandes de Albuquerque
Descrição acadêmico/profissional: Doutoranda pelo Programa de Pós graduação em Educação: conhecimento e inclusão social, da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Mestre em Educação pelo Programa de Pós graduação em Educação da Universidade Federal do Rio de Janeiro e professora da Rede Estadual de Educação do Rio de Janeiro.
E-mail para contato: albuquerquerlf@gmail.com.

| | | |
|---|---|---|
| | | |

| | | |
|---|---|---|
| | | |